



Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas – uma vitória de todos

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

A evolução que a profissão tem conhecido só poderia conduzir-nos a um novo patamar: a criação da Ordem. Não obstante esperar algumas dificuldades, que fomos ultrapassando, fiquei surpreendido com a reacção de alguns profissionais e de representantes de outras profissões. Houve um ponto comum de discordância entre a Câmara, alguns membros, os próprios serviços técnicos da Assembleia da República e outras profissões, que consistia no facto de saber se a alteração do Estatuto da Câmara, com especial incidência na sua passagem a Ordem, obrigaria esta associação pública à disciplina das disposições constantes da Lei n.º 6/2008, que enquadra as associações públicas profissionais.

A discussão iniciou-se na CTOC, logo após a publicação daquela Lei, havendo eminentes juristas a defenderem que a Câmara ficaria sujeita à sua disciplina. Ao tempo discordei, pois, na essência e no espírito da norma, as alterações não consubstanciavam a criação de uma nova entidade, mas sim, e apenas, a alteração de uma associação pública de regulação profissional, já existente, beneficiando, consequentemente, da exclusão prevista no n.º 2 do artigo 1.º da referida lei.

Como se compreende, nestes processos não é suficiente apenas termos a nossa leitura. É preciso fundamentá-la e provar que temos razão. Foi isso que fizemos, solicitando diversos pareceres a reconhecidos juristas, como Marcelo Rebelo de Sousa, Diogo Freitas do Amaral e Pedro Gonçalves, que corroboraram na íntegra o parecer já emitido por Duarte Abecasis, jurista que colabora assiduamente com a Câmara.

Quando partimos para este processo (e é importante que os TOC tenham consciência disso) tivemos que resolver um conjunto complexo de questões, o que não nos permitiu, apesar dessa ser a nossa intenção, discutir previamente com os TOC a proposta apresentada ao Governo, muito embora ela, na sua essência, seja a mesma que foi apresentada aos membros em 2004.

Não foi a diferença de opiniões que me surpreendeu, foi a completa inconsciência do que estava em jogo por parte de alguns sectores da profissão que, cegos pelas luzes da ribalta, quase deitaram tudo a perder, desperdiçando, pro-

vavelmente, a única oportunidade dos TOC se colocarem ao nível de outras profissões.

Imperou, em muitas ocasiões, o egoísmo e a vaidade pessoal, distorcendo a imagem de uma profissão e de uma Instituição que tudo tem feito para devolver aos profissionais o crédito e a dignidade a que têm direito.

Que os interesses do dinheiro se insurgissem contra a tentativa da CTOC devolver a contabilidade e os proveitos que ela pode gerar aos contabilistas, ainda entendo. Mas que sejam os próprios contabilistas a enfileirar nos mesmos argumentos, interesses e situações, aí já tenho enorme dificuldade em entender.

Que quem não quis compreender ou não compreende que se operou profunda alteração da nossa profissão e esteja contra a sua evolução, alcunhando-a de megalómana, ainda entendo, pois encontram-se desenganchados do tempo e vivem apenas de imagens do passado. Mas que sejam os profissionais a defender projectos e soluções que, indiscutivelmente, são contra eles, não consigo perceber.

Felizmente que a profissão e os seus dirigentes, uma vez mais, deram provas que as conquistas até hoje efectuadas, porque sustentadas em base de Direito, são sólidas e capazes de resistir aos comportamentos relatados. Tudo indicia que o processo irá ser concluído brevemente com a aprovação, por parte do Governo, da legislação que aprova as alterações ao Estatuto e, consequentemente, a sua passagem a Ordem.

Tenho consciência que apenas um conhecimento profundo do processo legislativo e a facilidade de movimentação nos meios políticos agilizaram o desenrolar do processo. Mas os grandes obreiros desta tão importante e profunda alteração são todos os profissionais. São esses os verdadeiros vencedores. Sinto-me imensamente feliz por isso, porque me limitei a liderar uma classe profissional de que me orgulho.

É por isso que, uma vez mais, afirmo: esta não é uma vitória de ninguém, mas sim uma vitória colectiva e da profissão.

Bem hajam por terem acreditado. ■